

# O que dizem crianças sobre os espaços públicos onde brincam

Paula Sanders Pereira Pinto

Ilka Dias Bichara

## RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender como crianças utilizam espaços públicos para brincadeiras, como se apropriam deles e suas sugestões para tais espaços. Para tanto foram entrevistadas 28 crianças, sete a 11 anos, moradoras de diferentes bairros de Salvador-BA-BR. Os dados coletados foram analisados qualitativamente, sob a ótica da Psicologia Histórico-cultural e da Sociologia da Infância. Os resultados indicam que as crianças brincavam em áreas planejadas e não planejadas para elas, com predominância de brincadeiras perto de suas residências. Houve uso criativo dos espaços e dos equipamentos lúdicos, demonstrando apropriação deles. Participantes sugeriram ampliação da segurança pública e acréscimo de áreas para brincadeiras. Conclui-se que há uma necessidade de se conhecer as demandas da infância sob a ótica da própria criança, estimulando-se a cidadania.

*Palavras-chaves:* crianças; espaços públicos; brincar; cidadania.

## ABSTRACT

### What children say about the public spaces where they play

Aiming at understanding how children make use of and appropriate the public spaces where they play as well as their suggestions for such spaces, 28 seven-to-eleven-year-old children dwelling in different districts in Salvador (Bahia, Brazil) were interviewed. Data were qualitatively analyzed from the perspective of the cultural-historical psychology and the sociology of childhood. Children were found to play in areas both designed and not designed for them, although they predominantly played near their households. Creative use of play spaces and equipment was observed, thereby showing the children's appropriation. Participants suggested improving public safety and adding play areas. This study evidences the need to know childhood demands from the children's own viewpoint, thus fostering citizenship.

*Keywords:* children; public spaces; playing; citizenship.

O brincar é um comportamento importante para a interação da criança com o meio (Pellegrini & Smith, 1998). Pesquisadores ressaltam o relevante papel da brincadeira para o desenvolvimento físico (motricidade fina e global, vigor físico e destreza), emocional (a criança se conhece melhor e conhece ao outro, trabalha suas ansiedades, angústias e agressividade, entre outras), cognitivo (concentração, desenvolvimento da lógica e linguagem) e social da criança (resolve conflitos, interage com outros, vivencia regras, entre outras) (Johnson, Christie & Yawkey, 1999; Vigotski, 1966/2000). Trata-se de um fenômeno de suma relevância neste ciclo de vida e que tem sido valorizado como um dos comportamentos que precisa ser estimulado ao longo da infância.

Em um contexto de brincadeiras, as interações infantis tendem a ocorrer de maneira mais intensiva, sendo reconhecidas como motivações primárias. Brincadeira e desenvolvimento social estão organizados com um duplo sentido, o ambiente social possibilita que a criança brinque com seus pares e, por outro lado, através da brincadeira a criança adquire habilidades e conhecimentos sociais (Pontes & Izar, 2005).

Com o surgimento das discussões sobre contextos de desenvolvimento, passou-se a con-

## Sobre os Autores

P.S.P.P.

orcid.org/0000-0002-8824-4688  
Universidade Salvador  
(UNIFACS) - Salvador, BA  
psanderspinto@gmail.com

I.D.B.

orcid.org/0000-0001-6441-6484  
Universidade Federal da Bahia  
(UFBA) - Salvador, BA  
ilkadb@ufba.br

## Direitos Autorais

Este é um artigo de acesso aberto e pode ser reproduzido livremente, distribuído, transmitido ou modificado, por qualquer pessoa desde que usado sem fins comerciais. O trabalho é disponibilizado sob a licença Creative Commons CC-BY-NC.



siderar o espaço das brincadeiras como bastante relevante para a investigação do fenômeno do brincar, considerando aspectos físicos e culturais (Bichara, Fiaes, Marques, Brito & Seixas, 2006). Entende-se por contexto o "ambiente por excelência" do ser humano, já que é nele que vive os momentos mais importantes da vida, desenvolvendo habilidades intelectuais e sociais (Kobarg, Kuhnen & Vieira, 2008, p.89), assim, trata-se também de um espaço de interações, onde fatores sociais, culturais e individuais têm relevância e participação ativa.

No que se refere ao espaço físico, pode-se dizer que a sua configuração pode tanto favorecer quanto impedir a sua exploração, o contato com outras crianças, determinados tipos de brincadeiras e, portanto, o desenvolvimento (Bichara, Loredello, Carvalho & Otta, 2009; Cotrim & Bichara, 2013; Gomes, 2013; Johnson et al., 1999). Tipos de brinquedos, quantidade de espaço disponível por criança, áreas de brincar, arranjo espacial e existência de áreas que se inter-relacionam são citados pelas pesquisas como fatores importantes (Gomes, 2013; Jonhson et al., 1999), considerando que as crianças se adequam aos mesmos e ressignificam estes espaços (Vigotski, 1966/2000).

De acordo com Tuan (1983) pode-se diferenciar espaço de lugar. O espaço, mais abstrato, pode-se transformar em lugar, na medida em que seja conhecido e que a ele se atribua um valor. É no lugar que a criança tem condições de viver sua identidade de infância, brincar, interagir com os amigos, entre outros comportamentos típicos deste ciclo de vida. Tal concepção é também proposta por Rasmussen (2004, p.155), que ainda acrescenta que existem *lugares para crianças* (*places for children*), que são os espaços planejados pelos adultos para as crianças e *lugares de crianças* (*Children's places*), que são os espaços os quais elas se apropriam, atribuindo seu próprio significado. Segundo o autor, há muitos lugares em espaços infantis que têm um significado subjetivo conhecido apenas pela criança.

Os espaços públicos são importantes contextos para brincadeiras e apesar de serem vistos por grande parte da população como locais perigosos e inadequados para as crianças, devido à presença de carros e à violência urbana, podem ser contextos propícios para que elas exerçam a capacidade de apropriação e transmissão de práticas culturais (Oliveira, 2004; Santos & Bichara, 2005; Silva, Monteiro, Pontes, Magalhães & Silva, 2012).

A rua é o espaço público que a criança se depara ao sair das áreas privadas, sendo aberto e dinâmico, onde todos se encontram e é um elemento estruturador da cidade (Oliveira, 2004). Em pequenas cidades ou bairros periféricos de médias e grandes cidades de países em desenvolvimento é possível encontrar muitas crianças brincando nas ruas (Bittencourt,

2010; Oliveira, 2004; Santos & Dias, 2010; Silva, Pontes, Silva, Magalhães & Bichara, 2006), apesar da maior escassez quando comparado a quatro ou cinco décadas atrás. Para muitos, estes lugares deixaram de ser pontos de encontro e passaram a ser locais de passagem despersonalizados (Oliveira, 2004).

Discute-se que com o processo de verticalização das cidades e com o surgimento dos condomínios fechados, que se deu aproximadamente na década de 1970, com grande expansão há cerca de quinze anos no Brasil, as atividades de lazer em espaços públicos ao ar livre, que antes eram exercidas em praças, parques ou mesmo nas ruas, passaram a ser feitas também nas áreas de uso coletivo das residências (Lima, 2007; Quadros, 2008). Este tipo de moradia existe em bairros de diferentes níveis socioeconômicos, desde os mais populares até os mais favorecidos. Quanto maior o poder aquisitivo do imóvel, maiores são os atrativos e infraestrutura para o morador, tais como serviços sofisticados de segurança, lazer e entretenimento para todas as faixas etárias.

Apesar do conhecimento a respeito da importância de espaços públicos para o desenvolvimento infantil, principalmente por gerar oportunidade de convivência e trocas sociais e com a natureza (Oliveira, 2004), pouco tem sido feito para incentivar novamente o uso desses espaços pelas crianças. Na cidade de Salvador, no estado da Bahia (Brasil), a partir da segunda metade da década de 1990 iniciou-se um programa de criação e requalificação de parques e jardins públicos, com o apoio de empresas privadas. Tal programa está baseado em ideologias emergentes em grandes cidades do mundo, tais como aquelas que valorizam a imagem e a atratividade das cidades; entretanto, também refletem o aumento das desigualdades entre ricos e pobres, já que é notório que tais programas não atendem às áreas periféricas e populares da cidade, gerando um benefício do espaço público para poucos e uma discriminação de uma parcela dos cidadãos que justamente apresentam mais dificuldade de deslocamento e falta de opções de lazer (Serpa, 2008).

Existem poucos estudos científicos no Brasil que já se dedicaram a estudar sobre como as crianças utilizam os espaços públicos na contemporaneidade, considerando as diferenças de origem social (Bittencourt, 2010; Oliveira, 2004). Pesquisas indicam que mesmo que haja uma tendência atual de deslocar as crianças para locais cada vez mais seguros e planejados nos centros urbanos, elas sempre resistem a isto, com uma preferência pela autodeterminação e pela brincadeira espontânea perto de casa e em lugares informais (Bartlett, 2002), oferecendo significado e os recriando na medida em que se apropriam deles (Bichara et al., 2006; Rasmussen, 2004; Vigotski, 1966/2000).

É reconhecido o potencial das crianças como sujeitos de construção social, com capacidade de contribuírem nas decisões que impactam em suas vidas e de modificarem o ambiente além de serem modificadas por ele (Castonguay & Jutras, 2009; Elsey, 2004; Karsten & Vliet, 2006; Kobarg et al., 2008; Veitch, Salmon & Ball, 2007). Tal capacidade foi incluída como um direito na Convenção dos Direitos das Crianças (UNICEF, 2004), promovida pela Assembleia Geral da ONU (Organização das Nações Unidas), em 1989, e no Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, no Brasil (Estatuto da Criança e do Adolescente, 1999). Estas normativas não apenas enfatizam a sobrevivência e proteção da criança, como também os seus direitos em serem aceitas e de serem ouvidas quanto a questões que lhes dizem respeito (Bartlett, 2002; Chawla, 2002).

As crianças têm direito a serem ouvidas e a participar ativamente da sociedade ao expor suas necessidades naquilo que se refere à infância e, assim, serem tratadas como cidadãs.

A sociologia da infância oferece uma importante contribuição nessa direção (Soares, 2006). Dentro desta abordagem afirma-se que as crianças formam um grupo com ideias próprias, que se diferencia dos demais e cujos membros diferenciam-se entre si, considerando a presença de aspectos históricos e culturais específicos (Sarmento, 2002).

Lev Vigotski (1966/2000), psicólogo russo e principal fundador da abordagem Histórico-cultural do desenvolvimento, também enfatiza a realização participativa da criança em diferentes contextos, com uma concepção teórica que propõe que as significações cultural e historicamente produzidas, constantemente ressignificadas e apropriadas pelas crianças, podem ser consideradas como motores do seu processo de desenvolvimento. De acordo com o autor (1966/2000), é o brincar que fornece um estágio de transição em direção à separação entre o significado e o objeto, o que é fundamental para o desenvolvimento da representação mental acerca das experiências humanas.

A cada período do desenvolvimento a criança adquire meios para intervir de forma competente em seu mundo e em si mesma. Mesmo as crianças pequenas têm o que dizer, já que desde que se constituem começam a interagir socialmente e acumular impressões, gostos, antipatias, desejos e medos, desenvolvendo sentimentos e percepções e atribuindo significados diversos acerca do mundo (Vigotski, 1966/2000). Para Sarmento (2007) todas as crianças apresentam múltiplas linguagens, tais como as gestuais, corporais, plásticas e verbais, e é através destas linguagens que elas se expressam. Assim, na pesquisa com crianças devem-se utilizar recursos metodológicos sensíveis à faixa etária da criança e seu contexto cultural (Campos, 2008).

Novas formas de investigação com crianças são indispensáveis dentro de um contexto que acredita que as crianças são atores sociais e a infância é um grupo social com direitos (Sarmento, 2002; Soares, Sarmento & Tomás, 2004; Soares, 2006). Para tanto, sugere-se em pesquisas com crianças a utilização de técnicas como entrevistas, desenhos, mapas e interlocuções verbais, que possibilitam uma valorização e expressão maior de suas competências (Elsey, 2004; Pinto, 2016; Rasmussen, 2004; Soares et al., 2004).

Segundo Sarmento (2005), trata-se de um grande desafio compreender cada criança, com seu processo subjetivo, e a infância como categoria geracional com direitos, conforme o que está previsto no Estatuto da Criança. Apesar da existência de alguns projetos mundiais que têm o propósito de ouvir as crianças, Elsey (2004) indica que a maioria delas nunca foi ouvida por adultos a respeito da sua opinião quanto ao que gostariam que existisse em sua comunidade e desacredita que um dia serão consultadas. Assim, este estudo teve como objetivo de compreender como crianças utilizam espaços públicos para brincadeiras, como se apropriam deles e suas sugestões para tais espaços.

## MÉTODO

Trata-se de um estudo exploratório, descritivo e analítico, de caráter qualitativo. O contexto foi Salvador, município brasileiro, capital do Estado da Bahia. Participaram da pesquisa 28 crianças, 14 meninas e 14 meninos, com idades entre sete e 11 anos, média de idade de nove anos, que foram convidadas a fazer parte do estudo por serem acessíveis à pesquisadora, caracterizando o tipo de amostragem por cadeia ou rede em que algumas pessoas indicam outras.

Os participantes apresentavam diferentes níveis socioeconômicos. Para esta caracterização, o principal critério utilizado foi o tipo de moradia, tanto no que se refere ao bairro onde moravam (bairros característicos de status socioeconômico médio ou bairros incluídos na periferia ou invasões da cidade), quanto às condições aparentes da residência (dimensões, estrutura física, entre outros indicadores). Adotou-se este critério com base nos conhecimentos sobre o crescimento econômico nos séculos XX e XXI, que veio acompanhado por desigualdades na ocupação do espaço urbano, gerando o fenômeno da periferização das cidades pelas populações mais pobres e também da invasão de diversas regiões (Maia, 2014).

As crianças moravam em diferentes bairros da cidade: Cabula, Cajazeiras, Cosme de Farias, Costa Azul, Federação, Garcia, Itapoan, Mussurunga, Nazaré, Ogunjá, Patamares, Paralela, Sete de Abril, Vale dos Lagos, Engenho Velho da Federação e Vila Nova de Pituaçu, sendo que 20 residiam em casa

e oito em apartamento. Vinte e uma crianças moravam em residências localizadas em bairros periféricos ou em invasões e as outras sete em bairros estruturados e centrais da cidade. Dentre estas últimas residências, quatro edifícios estavam localizados em condomínio fechado e duas casas em loteamento fechado, com área de entretenimento planejada e estruturada para crianças.

Cada participante foi entrevistado individualmente, com um roteiro semiestruturado, sendo que os dados foram registrados de forma cursiva e incluíam perguntas acerca dos locais públicos onde brincava, se eram perto ou longe de casa, presença ou não de adulto supervisionando a brincadeira, locomoção até o local de brincadeira, o que gostava e não gostava nestes locais e sobre quais as sugestões que poderia fazer para que esse local fosse mais adequado para suas brincadeiras e se algum gestor público já havia lhe perguntado sobre isso antes.

Durante a entrevista também foi solicitado aos participantes um desenho dos espaços públicos onde brincavam em seu bairro, em formato de mapa, incluindo sua casa. Para tanto, foi checado o conhecimento prévio das crianças sobre o conceito de mapa e foi explicado, para aqueles que não tinham o conhecimento, que mapa é uma representação gráfica de uma região, geralmente de forma bidimensional e plana, permitindo avaliar medidas de distância entre os locais. Após a explicação foram oferecidos os seguintes materiais para a execução dos desenhos: papel A4, lápis, borracha, apontador, hidrocor e lápis de cor.

As entrevistas foram realizadas em locais convenientes para as crianças – residência, casas religiosas, escolas, sempre em ambientes tranquilos e livres de ruídos ou interferências de qualquer ordem. Foram anotadas as impressões gerais da pesquisadora em um diário de campo. Após as entrevistas os dados foram analisados através de seus conteúdos (Bardin, 1977), escolhendo-se a análise temática, onde se encontra os temas centrais do texto ou qualquer expressão linguística e criam-se categorias temáticas de análise. Considera-se que os dados são construídos ao longo da pesquisa, não se encontram prontos para o pesquisador apenas coletar.

A partir dos objetivos propostos pela pesquisa e com base nos estudos de Elsey (2004), foram criadas as seguintes categorias temáticas prévias para a análise: 1) Espaços públicos onde brincavam; 2) Como se apropriavam dos espaços; 3) Sugestões das crianças a respeitos dos espaços públicos onde brincavam.

Esta pesquisa foi aprovada por um Comitê de Ética direcionado pela Plataforma Brasil. Após entenderem os objetivos do projeto, procedimentos, possíveis riscos e benefícios e se sentirem suficientemente esclarecidos a respeito do estudo,

os pais/responsáveis leram e assinaram o Termo de Consentimento Informado Livre e Esclarecido e concordaram com a participação de seu (sua) filho (a) na pesquisa. As crianças também foram esclarecidas e informaram se aceitavam ou não participar do estudo após a autorização de um dos responsáveis. Para tanto, a pesquisadora leu o Termo de Assentimento Informado Livre e Esclarecido, que foi escrito com uma linguagem acessível para a criança, e explicou sobre os objetivos, procedimentos, possíveis riscos e benefícios, conforme a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Os nomes das crianças citadas neste estudo são todos fictícios.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### ESPAÇOS PÚBLICOS ONDE BRINCAVAM

Vinte e cinco participantes referiram brincar em espaços públicos ao ar livre na cidade. Dentre estes, 15 (10 meninos e cinco meninas) citaram áreas públicas planejadas e/ou estruturadas para o público infantil. Os meninos citaram campos de futebol em seu bairro ( $n = 1$ ) ou em um bairro vizinho ( $n = 5$ ), parquinhos localizados em seu bairro ( $n = 2$ ), praças sem parquinho ( $n = 3$ ) e um grande parque metropolitano ( $n = 1$ ). As meninas referiram brincar em praças localizadas em seu bairro ou bairros vizinhos ( $n = 3$ ), parquinhos localizados em praças ( $n = 2$ ) e campo de futebol ( $n = 1$ ).

Salienta-se aqui o fato dos meninos terem citado frequentar mais os bairros vizinhos do que as meninas. Eles referiram ir a campos de futebol nestes locais, já que não existiam em seus bairros, sendo que a maioria frequentava os campos sem a supervisão de um adulto, apenas acompanhados dos colegas. Tanto meninas quanto meninos referiram que as praças eram locais distantes dentro do próprio bairro, ou só existiam em um bairro vizinho, sendo sempre necessária a supervisão dos adultos, que só poderiam levá-los nos finais de semana. Tais diferenças salientam escolhas importantes de gênero (meninos brincam mais em locais distantes e meninas preferem brincadeiras perto de casa) e de autonomia quanto à movimentação pelas áreas urbanas, além de demonstrar o quanto há uma falta de planejamento público para oferecer às crianças espaços planejados e estruturados para o lazer perto de suas residências.

Karsten e Vliet (2006) discutem que a presença cada vez maior dos adultos nos espaços públicos para supervisionar as brincadeiras pode fazer com que estes espaços, aos poucos, vão deixando de ser domínio das crianças. Segundo Bartlett (2002), as crianças manifestam claramente sua preferência para a autodeterminação e pelos jogos espontâneos perto de casa e especula-se que esta escolha esteja re-

lacionada com o fato de nestes espaços não precisarem da supervisão dos adultos. Em uma pesquisa realizada por Castonguay e Jutras (2009), verificou-se que entre crianças de sete a nove anos os espaços públicos preferidos para brincar em seus bairros eram aqueles próximos à sua casa ou à casa dos amigos, tais como jardins e quintais. Os pesquisadores relacionaram esta preferência à possibilidade de brincarem

em segurança, à autonomia da criança para locomoção para estes espaços, além da familiaridade com esses locais.

Dezoito crianças (13 meninos e cinco meninas) indicaram brincar em áreas públicas informais mais próximas às suas residências, tais como: calçadas ( $n = 2$ ), ruas ( $n = 16$ ), escadarias ( $n = 2$ ), beco ( $n = 1$ ), bar ( $n = 3$ ), área do estacionamento ( $n = 1$ ), ponte em cima do esgoto com um ferro para

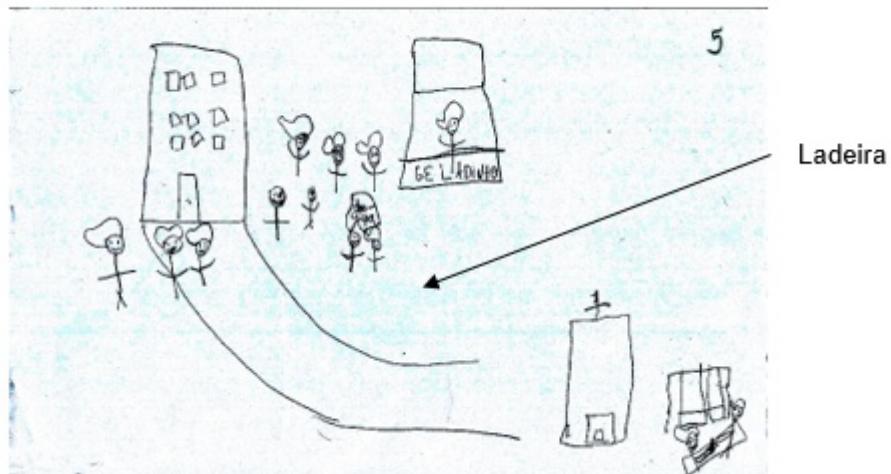


Figura 1. Desenho. "Gosto de brincar na ladeira na frente de casa com meus colegas...interfone na casa dos outros, na frente da rua, perto dos prédios, onde tem os carros. Fico escondido nos prédios" (Breno, 9 anos).

segurar ( $n = 1$ ), ponto de ônibus ( $n = 1$ ) e ladeiras ( $n = 2$ ), conforme pode ser representado na Figura 1.

Somente os meninos citaram bares, escadarias, ponto de ônibus e ladeiras. Ambos os gêneros citaram ruas, em sua maioria com brincadeiras na frente ou próximas às suas casas. Nenhuma criança referiu precisar de supervisão de adultos para brincar nestes locais, onde brincavam diariamente. Todas as crianças que referiram brincar nestes contextos moravam em bairros periféricos ou invasões.

Entre as crianças que moravam em condomínio fechado, quatro disseram brincar em locais públicos ao ar livre, porém apenas em alguns finais de semana. Felipe disse ir ao Parque de Pituaçu com os pais algumas vezes, Bianca ia com a mãe andar de bicicleta na Praça Campo Grande, Susi brincava em uma praça de seu bairro acompanhada da mãe e irmãos e Roberto caminhava nas ruas do bairro da Barra e brincava no Farol da Barra com o pai, o que pode ser representado na Figura 2.

Estes resultados são condizentes com estudos anteriores que discutem que crianças que moram em condomínio fe-

chado, com locais privados de entretenimento, frequentam cada vez menos os espaços urbanos ao ar livre para brincar. Isto se deve ao fato dos condomínios oferecerem uma diversidade de atrativos para seus moradores, principalmente nos bairros de nível socioeconômico médio/alto (Lima, 2007).

### COMO SE APROPRIAVAM DOS ESPAÇOS

Há muitos lugares em espaços infantis que têm um significado subjetivo conhecido apenas pela criança, representando como estas se apropriam deles (Rasmussen, 2004; Tuan, 1983) e reforçando a noção da criança como sujeito ativo na construção do seu desenvolvimento (Vigotski, 1966/2000; Sarmento, 2002).

Segundo Pol (1996), o conceito de apropriação envolve dois aspectos: 1 – Ação-transformação: transformação de um espaço alheio e atribuição de significado; 2 – Simbólico ou de identificação: ocorre um reconhecimento do espaço transformado, proporcionando estabilidade e continuidade à identidade. Para que uma pessoa ou grupo de pessoas possa se apropriar de um determinado espaço é necessário que se-

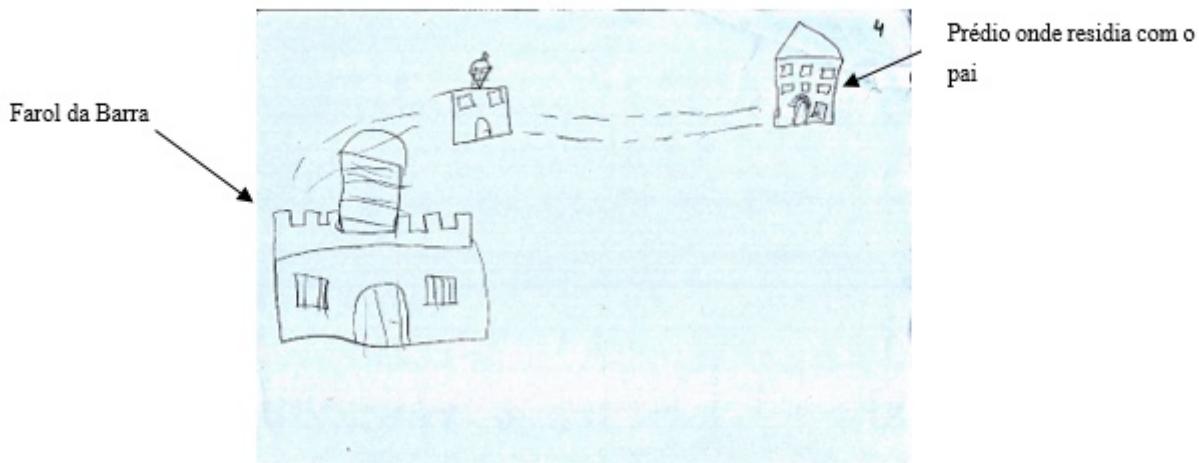


Figura 2. Desenho. "Ando de bicicleta no Farol da Barra. Ando com o meu cachorro" (Roberto, 9 anos).

ja gerada uma percepção de agradabilidade, prazer, posse e realização.

A apropriação do espaço no que se refere à ação-transformação pôde ser notada através das falas, frequências e desenhos das crianças, tanto em meninas quanto em meninos. Eles demonstraram dar um significado especial a cantinhos da rua ou locais informais: "Gosto de brincar no areal. A gente bota o pé na areia e vira. Dá um salto" (Gustavo, 10 anos). "Tem um lugar com um bucal de planta e um coquinho. Fico sentado conversando lá" (Marcelo, 9 anos). "Brinco de patins e boneca fora de casa, na ponte. Tem um esgoto embaixo. Tem um ferro para segurar, para não cair" (Rose, 10 anos).

Considera-se que os valores atribuídos aos espaços de brincadeiras transformam estes espaços em lugares, com um significado especial conhecido pela criança. Trata-se de uma vinculação afetiva e não apenas geográfica ou territorial (Tuan, 1983; Rasmussen, 2004), o que caracteriza estes espaços como lugares de criança (Rasmussen, 2004).

Toda brincadeira envolve a delimitação de um espaço que irá variar conforme o tipo de brincadeira, o espaço disponível, o número de participantes, entre outros (Bichara, 2004), sendo que muitas vezes as crianças fazem uso criativo dos equipamentos e do espaço (Bichara, 2004; Bichara et al., 2009; Luz & Kuhnen, 2013). Luz & Kuhnen (2013) discutem que as crianças ao fazerem uso criativo de parquinhos geralmente escolhem equipamentos multifuncionais como os módulos, já que estes possibilitam uma maior diversidade de ações, como por exemplo, tipos variados de brincadeiras.

No presente estudo percebeu-se também a apropriação

através da identificação ao local, como pode ser representado na fala de Paulo (7 anos) ao se referir à rua: "A gente faz o que quer lá" e verificou-se um conhecimento do bairro em que moravam. Júlio desenhou as casas da rua e a fábrica onde costumava jogar bola (Figura 3).

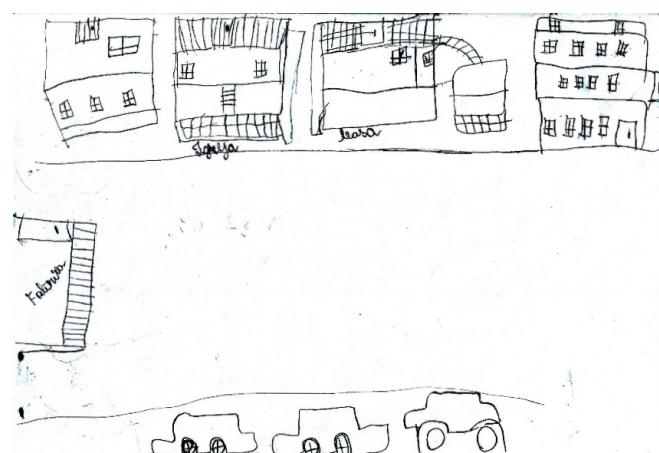


Figura 3. Desenho. "Locais onde brinco em meu bairro" (Júlio, 10 anos).

A expressão gráfica sobre os locais onde brincavam em seu bairro variou entre as crianças. Apenas oito (cinco meninos e três meninas) elaboraram um desenho que apresentava ruas, escadas, pontes, ladeiras, praças e parquinhos (quando existiam) como espaços públicos de brincadeiras. As demais ou só apresentaram o local de brincadeira (desenharam os

equipamentos da pracinha) ou somente utilizaram as ruas como percurso até chegar a seu destino, no caso a praça, como Ruth (8 anos) que desenhou o percurso de sua casa até a praça com uma única rua e alguns pontos de referência “Vou andando para a praça com minha família”, como pode ser visto na Figura 4.

Notou-se que aquelas crianças que desenharam com mais detalhes as ruas e outras estruturas de seu bairro faziam uso de tais espaços para brincadeiras, enquanto que

aqueelas crianças que não desenharam detalhes, como a Ruth, apenas utilizavam as ruas como percurso para chegar ao local de brincadeira, que no caso de Ruth era a praça. De acordo com Oliveira (2004), para muitas crianças as ruas passaram a ser locais de passagem despersonalizados. Assim, pontua-se a importância da brincadeira, fenômeno típico da infância, para a apropriação da criança aos espaços públicos e ao bairro onde reside, além de auxiliar no desenvolvimento da percepção de espaço e da cidadania.

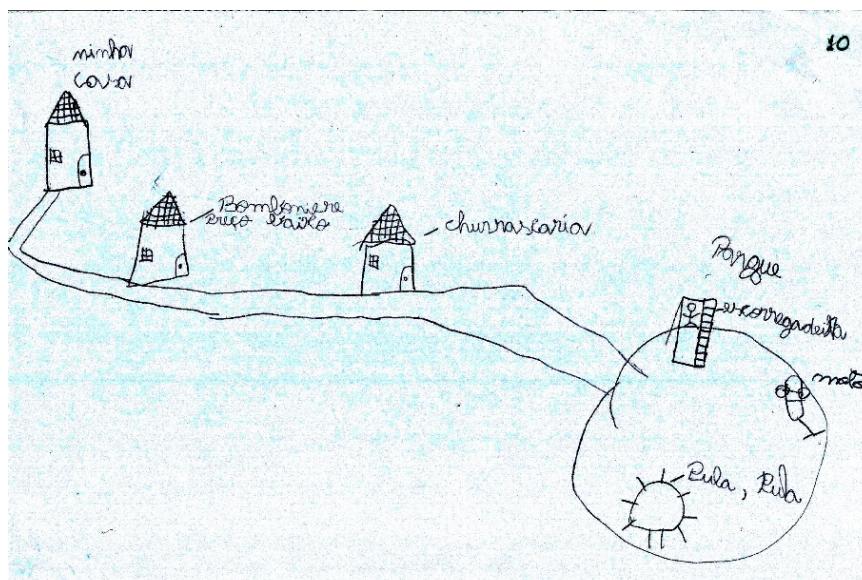


Figura 4. Desenho. “Vou andando para a praça com minha família” (Ruth, 8 anos).

## O QUE SUGERIRAM AS CRIANÇAS

Quando a pesquisadora perguntou aos participantes o que sugeriam aos gestores públicos para melhorar em seu bairro, 18 crianças (nove meninos e nove meninas) indicaram melhorias para os espaços já existentes onde brincavam e 19 crianças (10 meninos e nove meninas) sugeriram o acréscimo de brinquedos ou espaços novos. Três crianças não quiseram opinar.

Dentre as sugestões que os meninos fizeram para modificação do bairro destaca-se a necessidade de se aumentar a segurança: “No meu bairro tem tudo. Só falta segurança. Tinham que ter portões para brincar nas ruas e grades. Tem hora que a gente está jogando bola nas escadas e tem risco de cair. Tinham que ter uns portões na escada” (Paulo, 7 anos); a necessidade de retirar os carros estacionados nas ruas: “Gostaria que tivesse um lugar para colocar os carros e não nas ruas que a gente brinca” (Breno, 9 anos); a reclamação de que praças foram demolidas para construírem casas: “...Ti-

nhia uma praça com parque [parquinho]. O que eu mais gostava era o escorregador. Eu ia sozinho com meus amigos, mas não tem mais. Foi demolida para fazerem umas casas novas” (Breno, 9 anos); e de cuidarem do saneamento básico: “Tem muito rio [esgoto] por lá” (João, 9 anos).

As meninas também sugeriram a modificação de diversas questões, dentre estas: cuidados com saneamento básico: “Ia pedir para mudar a tubulação do lixo e esgoto...” (Rose, 10 anos); reparo no asfalto: “Iria pedir para o político melhorar a estrada para passear pelo bairro. Tem uma ladeira que não dá para andar de bicicleta. Tem pedras. O chão poderia ser liso” (Ruth, 8 anos); preocupação com a segurança quanto às pessoas ameaçadoras nas ruas: “Queria que não fosse tão calmo. Lugares mais agitados têm menos risco de ladrão” (Ruth, 8 anos); reclamação sobre a ausência de parquinhos: “Não tem nenhum parquinho por lá” (Camila, 7 anos); necessidade de colocar os carros nas garagens e ruas sem buracos: “Eu queria um lugar bem grande... que os carros tivessem nas

garagens. Que as ruas não tivessem buracos porque a gente tropeça toda hora..." (Mônica, 10 anos) e modificação do tráfico de drogas: "O que eu queria era mudar o tráfico. Os policiais vêm e eles saem correndo. Uma vez a polícia veio subindo e os caras todos bateram na gente" (Célia, 8 anos).

Assim, verificou-se muita semelhança entre as solicitações dos meninos e das meninas quanto ao que gostariam de corrigir em seus bairros como ausência de parquinhos, preocupação com saneamento básico, excesso de carros estacionados nas ruas e preocupação com a segurança.

Quanto às sugestões de espaços ou brinquedos em seus bairros, os meninos indicaram querer mais praças e parques, clubes e campos de futebol: "Queria pedir um campo de futebol" (Marcelo, 9 anos); "Gostaria que tivesse um parque perto de casa com escorregadeira, piscina de bolinha, areia para construir um castelo e uma casa na árvore" (Everaldo, 8 anos); e mais espaço livre para uso diversificado: "Ia falar que é chato ficar em casa. Queria que tivesse um lugar cheio de grama para caçar passarinhos e brincar com meus amigos" (João, 9 anos). Entre as meninas as sugestões foram principalmente de mais lugares para brincar, parques e circos: "Preferia que tivesse um circo perto do bairro e mais lugares para brincar" (Ruth, 8 anos). Bianca (10 anos): "Gostaria...de mais parques, que tivesse mais lugares...". "Queria que tivesse praça..." (Camila, 7 anos); brinquedos: "boneca, pula-pula, panelinhas" (Camila, 7 anos). "Ia pedir mais brinquedos" (Rose, 10 anos); biblioteca: "para fazer uma biblioteca com um cartãozinho" (Rose, 10 anos).

Das três crianças que moravam em loteamento/condomínio fechado que deram sugestões de acréscimos de espaços/brinquedos, apenas uma indicou sugestões para espaços públicos e duas se referiram somente a seu loteamento/condomínio. Algumas sugestões que foram feitas no presente estudo incluíam as suas necessidades particulares, brinquedos e espaços públicos que fugiam da realidade de uma cidade, bem como aquisições para a área interna do loteamento/condomínio: "Precisava baixar o preço nas lojas de brinquedos" (Roberto, 9 anos); "Queria um tablet do loteamento para ficar com meu pai e ele tomar conta" (Felipe, 8 anos); e houve pedidos de estruturas que o espaço público não comporta: "Queria que tivesse uma piscina com escorregador e piscina para os bebês nas praças. Queria que tivesse um lugar para colocar carros e não mais na rua que a gente brinca" (Breno, 9 anos). Tais sugestões foram predominantemente de meninos e incluíam as crianças que moravam em loteamento/condomínio fechado e que tinham mais acesso à infraestrutura em seus bairros.

Estudos anteriores já demonstraram a capacidade de crianças e jovens em opinarem sobre o que gostariam que fosse diferente em seu bairro ou comunidade (Elsey, 2004; Corsi,

2002; Chawla, 2002). Corsi (2002) aponta que ao oferecer sugestões acerca de melhorias para a cidade, as próprias crianças admitem terem ideias muitas vezes irrealistas, mas sentem ao perceberem que não foram levados a sério pelos adultos. Levando em consideração esta questão, Chawla (2002) sugere que se deva esclarecer muito bem para as crianças acerca dos objetivos da pesquisa, sendo que esta explicação deve ser adequada para a faixa etária da criança com o objetivo de haver uma real compreensão. Caso não haja, pode levar a respostas irrealistas.

Nenhuma criança participante havia sido questionada anteriormente por qualquer adulto, incluindo gestores públicos, a respeito de suas sugestões de melhoria para os espaços públicos onde brincava e nem tinha a perspectiva de que um dia seria ouvida. De acordo com Kruger e Chawla (2002), mesmo quando as crianças são ouvidas quanto às suas opiniões, estas raramente podem fazer alterações por conta própria, já que necessitam dos adultos para efetivá-las. Em geral, a maioria das ações sobre problemas ambientais são políticas e exigem um trabalho em conjunto das crianças com os adultos (Chawla, 2002).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi compreender como crianças utilizam espaços públicos para brincadeiras, como se apropriam deles e suas sugestões para tais espaços. Considera-se que este objetivo foi cumprido, uma vez que as crianças relataram a respeito dos espaços públicos que costumavam brincar, o que gostavam, não gostavam e o que preferiam nestes espaços, sugerindo mudanças para que se tornassem mais apropriados para suas brincadeiras, corroborando os estudos prévios (Castonguay & Jutras, 2009; Elsey, 2004; Karsten & Vliet, 2006; Kobarg et al., 2008; Veitch, Salmon & Ball, 2007).

Notou-se as diferenças de utilização dos espaços públicos para crianças que moravam em bairros populares, cujas casas não tinham espaço e opções de lazer para aquelas crianças que moravam em loteamentos/condomínios fechados. As crianças moradoras dos condomínios e loteamento fechados quase não frequentavam os espaços públicos ao ar livre, não se apropriando das ruas. Já aquelas que moravam em bairros populares frequentavam muito mais os espaços públicos para brincar, sendo que as ruas eram as mais frequentadas, principalmente aquelas próximas às suas residências, já que nelas tinham mais autonomia e liberdade de circulação, não precisavam da supervisão de adultos para frequentá-las. As praças e parques eram escassos nestes bairros e como geralmente estavam localizados distantes das casas das crianças, estas os frequentavam menos e geralmente

com a supervisão de um adulto. Discute-se o quanto isto pode retirar o domínio destes espaços pelas crianças (Oliveira, 2004).

Algumas crianças queixaram-se que em bairros populares e com alta periculosidade os campinhos, parquinhos e praças têm sido frequentados por traficantes e usuários de drogas. A falta de segurança física e social, por sinal, foi o aspecto mais abordado por elas ao se referirem sobre o que não gostavam nos espaços públicos onde brincavam, principalmente entre as meninas. Entretanto, mesmo aqueles locais com alta periculosidade não impediam suas brincadeiras. A violência atrapalhava e limitava as brincadeiras em tempo e espaço, mas as crianças incorporavam estas especificidades e limitações a seu cotidiano, de forma criativa. Como afirma Vigotski (1966/2000), trata-se de um potencial de ressignificação da criança diante do contexto histórico e cultural que vivenciam.

O fato de as crianças conseguirem se adaptar às adversidades de seus bairros e, portanto, continuarem a brincar não significa que esta realidade oferecida seja satisfatória. Verificou-se o potencial das crianças em identificar problemas bastante reais em seus bairros e também de elaborar sugestões que são de utilidade para adultos e crianças. Ficou nítida sua capacidade de perceber e se apropriar do espaço onde brincavam, criando culturas e ressignificando espaços planejados ou não para o público infantil. As crianças os transformam fisicamente e simbolicamente em suas brincadeiras cotidianas, com diferenças quanto à idade, gênero, nível socioeconômico e tipo de moradia e produzem lugares com um valor específico para elas (Rasmussen, 2004; Tuan, 1983; Vigotski, 1966/2000).

Ressalta-se que a utilização de diferentes expressões de linguagens, neste caso as entrevistas e desenhos, possibilitou que os pensamentos das crianças fossem mais bem compreendidos. Reconhecer as diferentes formas de expressão das crianças e valorizá-las como seres políticos, marca seu pertencimento à cultura, respeitando diferentes vivências e maneiras de subjetivação, como afirmam Campos (2008) e Sarmento (2007).

Sugere-se que mais estudos sejam desenvolvidos acerca da utilização dos espaços públicos pelas crianças e sobre suas concepções acerca deles para que os direitos políticos das crianças sejam colocados em prática e para que estas possam ser tratadas enquanto cidadãs. No presente estudo foi possível verificar como pesquisas dessa natureza contribuem para o conhecimento acerca da infância e de suas demandas específicas e salientam o fato de que a infância precisa ser entendida sob a ótica da própria criança.

## CONTRIBUIÇÃO DE CADA AUTOR

P.S.P.P. e I.D.B. desenvolveram a metodologia e redação - revisão e edição; P.S.P.P. administrou o projeto, realizou a análise formal dos dados e tabulação deles, visualização, conceitualização e investigação e redação do rascunho, sob a supervisão de I.D.B.

## DECLARAÇÃO DE CONFLITOS DE INTERESSES

Os autores declaram que não há conflitos de interesses no presente artigo.

## REFERÊNCIAS

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bartlett, S. (2002). Building better cities with children and youth. *Environment and Urbanization*, 14(3), 3-10. <http://dx.doi.org/10.1177/095624780201400201>
- Bichara, I. (2004). Apropriação e ressignificação de espaços e equipamentos públicos. *Simpósio Nacional de Psicologia Social e do Desenvolvimento. X Encontro Nacional PROCAD-Psicologia/CAPE*. Textos completos.
- Bichara, I. D., Fiaes, C. S., Marques, R., Brito, T., & Seixas, A. A. C. (2006). Brincadeiras no contexto urbano: Um estudo em dois logradouros de Salvador (BA). *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, 26(2), 39-52.
- Bichara, I., Lordello, E., Carvalho, & Otta, E. (2009). Brincar ou brincar: eis a questão - perspectiva da psicologia evolucionista sobre a brincadeira. Em M.E. Yamamoto, & E. Otta (Eds.), *Psicologia Evolucionista* (pp.104-113). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Bittencourt, M. I. G. F. (2010). O espaço e os outros: Aspectos da experiência da vida urbana retratada por crianças de diferentes classes sociais. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, 10 (4), 1301-1323.
- Campos, M. M. (2008). Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas na pesquisa científica. Em S. H. V. Cruz (Ed.), *A criança fala: A escuta de crianças em pesquisas*. São Paulo: Cortez Editora.
- Castonguay, G. & Jutras, S. (2009). Children's appreciation of outdoor places in a poor neighborhood. *Journal of Environmental Psychology*, 29(1), 101-109. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jenvp.2008.05.002>
- Chawla, L. (2002) "Insight, creativity and thoughts on the environment": Integrating children and youth into human settlement development. *Environment and Urbanization*, 14(3), 85-96. <http://dx.doi.org/10.1177/095624780201400202>

- Corsi, M. (2002). The child friendly cities initiative in Italy. *Environment and Urbanization*, 14(3), 169-179. <http://dx.doi.org/10.1177/095624780201400214>
- Cotrim, G. S. & Bichara, I. D. (2013). O brincar no ambiente urbano: Limites e possibilidades em ruas e parquinhos de uma metrópole. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(2), 388-395. <http://doi.org/10.1590/S0102-79722013000200019>
- Elsey, S. (2004). Children's experience of public space. *Children & Society*, 18(2), 155-164. <http://dx.doi.org/10.1002/chi.822>
- Estatuto da Criança e do Adolescente, de 13 de julho de 1990 (9ed.). (1999). São Paulo: Saraiva.
- Gomes, S. T. (2013). "Lá no parque tinha uma casinha": *Dialogando com crianças sobre a brincadeira na educação infantil* (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Johnson, J. E., Christie, J. F., & Yawkey, T. D. (1999). *Play and Early Childhood development* (2ed.). New York: Longman.
- Karsten, L. & Vliet, W. V. (2006). Children in the City: Reclaiming the Street. *Children, Youth and Environments*, 16(1), 151-167.
- Kobarg, A. P. R., Kuhnen, A., & Vieira, M. L. (2008). Importância de caracterizar contextos de pesquisa: Diálogos com a psicologia ambiental. *Revista Brasileira de desenvolvimento*, 18(1), 87-92. <http://dx.doi.org/10.7322/jhgd.19869>
- Kruger, J. S., & Chawla, L. (2002). "We know something someone doesn't know": Children speak out on local conditions in Johannesburg. *Environment and Urbanization*, 14(3), 85-96. <http://dx.doi.org/10.1177/095624780201400207>
- Lima, C.B.V. (2007). *Paralela em movimento: Um estudo sobre a apropriação do espaço público do canteiro central da Avenida Luís Eduardo Magalhães* (Dissertação de mestrado). Universidade Federal da Bahia, Salvador.
- Luz, G. M., & Kuhnen, A. (2013). O Uso dos Espaços Urbanos pelas Crianças: Explorando o Comportamento do Brincar em Praças Públicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 26(3), 552-560. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722013000300015>
- Maia, D. S. (2014). Habitação popular e o processo de periferização e de fragmentação urbana: Uma análise sobre as cidades de João Pessoa-PB e Campina Grande-PB. *Geosul*, 29(58), 89-113.
- Oliveira, C. (2004). *O ambiente urbano e a formação da criança*. São Paulo: Aleph.
- Pellegrini, A. D., & Smith, P. K. (1998). The development of play during childhood: Forms and possible functions. *Child Psychology and Psychiatry*, 3(2), 51-57. <http://dx.doi.org/10.1111/1475-3588.00212>
- Pinto, P. S. P. (2016). Usando maquetes e entrevistas na expressão de crianças em pesquisas sobre brincar. *Revista Brasileira de Psicologia*, 3(1), 36-49.
- Pol, E. (1996). La apropiación del espacio. Cognición, Representación y Apropiación del Espacio (L. Iñiguez & E. Pol, Comp.) *Collección Monografías Psico/socio/ambientales*, 9, 45-62. Publicacions Universitat de Barcelona.
- Pontes, F. A. R., & Izar, P. (2005). O estudo das relações sociais sob a perspectiva etológica. Em F. Pontes, C. Magalhães, R. Brito, & W. Martin (Orgs.), *Temas pertinentes à construção da psicologia contemporânea*. Belém: EDUFPA.
- Quadros, C. S. (2008). *A vida em separado: estudo de um domínio fechado de Porto Alegre* (Monografia para a obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Rasmussen, K. (2004). Places for children - children's places. *Childhood*, 11(2), 155-173. <http://dx.doi.org/10.1177/0907568204043053>
- Santos, A. K., & Bichara, I. D. (2005). Brincadeiras e contextos: Alguns pressupostos para o estudo desta relação. Em F. A. R. Pontes, C. M. C. Magalhães, & W. L. Martin (Eds.), *Temas pertinentes à construção da Psicologia Contemporânea* (pp. 277-297). Belém: Editora da Universidade Federal do Pará.
- Santos, A. K., & Dias, A. M. (2010). Comportamentos lúdicos entre crianças do Nordeste do Brasil: Categorização de brincadeiras. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(4), 585-594. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722010000400002>
- Sarmento, M. J. (2002). *As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade*. Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho, Portugal.
- Sarmento, M. J. (2005). Gerações e alteridade: Interrogações a partir da sociologia da infância. *Educação & Sociedade*, 26(91), 361-378. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302005000200003>
- Sarmento, M. J. (2007). Visibilidade social e estudo da infância. Em V. M. R. Vasconcellos, & M. J. Sarmento (Eds.) *Infância (in) visível*. Araraquara, São Paulo: Junqueira & Marin Editores.
- Serpa, A. (2008). Os espaços públicos da Salvador contemporânea. Em I. M. M. Carvalho & G. C. Pereira (Eds.), *Como anda Salvador e sua região metropolitana* (2ed.). Salvador: EDUFBA.
- Silva, L. I. C., Pontes, F. A. R., Silva, S. D. B., Magalhães, C. M. C., & Bichara, I. D. (2006). Diferenças de gêneros nos grupos de brincadeira na rua: A hipótese de aproximação unilateral. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 19(1), 114-121. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722006000100016>
- Silva, S. D. B., Monteiro, E. F., Pontes, A. A. R., Magalhães, C. M. C., & Silva, S. S. C. (2012). Brincadeiras de rua em Belém-PA: Uma análise de gênero e idade. *Psicologia: teoria e prática*, 14(2), 8-42.

- Soares, N. F., Sarmento, J., & Tomás, C. (2004). Research on childhood and children as researchers: participatory methodologies of social words of the children. *Sixth International Conference on social Methodology. Recent Developments and Applications in Social Research Methodology*. Amsterdã, 16-20.
- Soares, N. F. (2006). A investigação participativa no grupo social da infância. *Curriculum sem Fronteiras*, 6(1), 25-40.
- Tuan, Yi-Fu (1983). *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel.
- UNICEF (2004). A convenção sobre o direito das crianças: adotada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 20 de novembro de 1989.
- Veitch, J., Salmon, J., & Ball, K. (2007). Children's active free play in local neighborhoods: A behavioral mapping study. *Health Education Research*, 23(5) 870-879.  
<http://dx.doi.org/10.1093/her/cym074>
- Vigotski, L. S. (1966/2000). O papel do brinquedo no desenvolvimento. Em L. S. Vigotski. *A formação social da mente*. (6.ed., pp.121-138) (J. Cipolla Neto; L. S. M. Barreto & S. C. Afeche trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Recebido em: 18/06/2016  
Primeira decisão editorial em: 13/02/2017  
Aceito em: 07/03/2017